



## AS VOZES DOS ALUNOS E SUAS DEFINIÇÕES DE UM “BOM” PROFESSOR<sup>1</sup>

**Raylane Oliveira Silva** (Autora)

Licenciada em Pedagogia

**Irlanda do Socorro de Oliveira Miléo** (Orientadora)

Doutora em Educação

### RESUMO

Este trabalho procura discutir o que é um “bom” professor de acordo com a definição dos educandos. Para isto, realizamos uma pesquisa de campo, com 4 professores e 21 alunos, do 4º e 5º ano, de uma escola pública da rede municipal de Altamira-Pará. O objetivo deste estudo é analisar quais as percepções dos alunos em relação ao “bom” professor, e perceber quais os fazeres que motivam e despertam interesse nos alunos em aprender.

**PALAVRAS CHAVE:** “Bom” professor. Práticas pedagógicas. Ensino e aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Discutirmos as práticas pedagógicas e as definições de um “bom” professor, diante das percepções dos educandos, é essencial para analisarmos de que forma essas definições influenciam no processo de ensino e aprendizagem. A bibliografia que orientou este estudo, foi pautada nos seguintes autores: Fortuna (2004), Freire (2011), Cunha (1998), Tardif (2002) e outros. Para a construção deste trabalho, realizamos uma pesquisa de campo com 4 professores e 21 alunos, do 4º e 5º ano, de uma escola pública da rede municipal de Altamira-Pará.

Com objetivo de facilitar nossas análises, organizamos os alunos entrevistados em grupo, ficando desta maneira: Dany, Castro, Aline, Fábio e Marcos (Grupo M, alunos da professora Mariana); Maria, Janine, Fernando, Gustavo e Alisson (Grupo D, alunos da professora Dora); Loyanna, Andressa, Rayane, Kaique, Lucas e Julia (Grupo V, alunos da professora Vanessa); Samara, Valdo, Yasmim, Thais e Tales (Grupo A, alunos do professor Arlindo).

Todos os alunos são apresentados com nomes fictícios.

<sup>1</sup> Este estudo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia, realizado na Universidade Federal do Pará, campus Altamira.





## ABAETETUBA-PA O “BOM” PROFESSOR NA VISÃO DOS ALUNOS

Para falamos sobre o referido tema, vale recorrer ao que Freire (2011, p.83) define como tarefa de um “bom” professor:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Entendemos que os “bons” professores, de acordo com o autor, são aqueles que envolve o aluno em sua aula, tanto o corpo físico quanto sua imaginação. Diante deste argumento, buscamos saber qual é a percepção dos alunos em relação aos “bons” professores.

Em nossa pesquisa, procuramos investigar, a partir da percepção dos alunos, o que os professores precisam fazer para que estes afirmem que a aula foi “boa”. Diante desta questão, os alunos assumiram diversos posicionamentos, mas maioria de suas respostas estavam voltados para o brincar. Fazer brincadeiras, portanto, parece ser uma das dinâmicas que os alunos mais se interessam em uma aula.

A autora Fortuna (2004, p.3), nos ajuda a compreender um pouco mais sobre a importância do brincar, a mesma diz que: “Brincamos/ jogamos para dominar angústias e controlar impulsos, assimilando emoções e sensações, para tirar as provas do Eu, estabelecer contatos sociais, compreender o meio, satisfazer desejos, desenvolver habilidades, conhecimento e criatividade”. Desta forma percebemos a dimensão do valor do brincar para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento pessoal do aluno.

As nossas salas de aulas, na maioria das vezes, seguem os modelos tradicionais, em que o brincar, o lúdico não tem lugar, portanto as práticas pedagógicas precisam ser ressignificadas, precisam ser mais libertadoras e humanizadoras para que se possa fazer do processo de ensino e aprendizagem um momento de descoberta, de troca, de criatividade, superando um aprendizado forçado e sem sentido para o discente.

Outro elemento que também apareceu com frequência nas respostas foi em relação a uma característica do professor. Os alunos afirmaram que para a aula ser boa, o professor precisa estar calmo e paciente. A estudante Loyana (Grupo V), se posiciona da seguinte forma:

*Quando a professora está calma, paciente com a gente, quando a gente não entende uma coisa ela tem paciência de explicar outra vez. A gente tem que*



## ABAETETUBA-PA

*se comportar também. Controlar nossa língua também. Porque a gente fala muito... tem aula. Agora, quando tá tudo silêncio, tudo calmo, a gente entende a aula direito, aí a aula é boa. A gente termina o dever cedo e responde. É o aluno que faz o professor na verdade.*

Percebemos que o temperamento, a postura do professor em sala de aula é um fator decisivo para a aprendizagem. O docente precisa ter consciência que todas as suas atitudes, palavras, sejam elas positivas ou negativas, deixam marcas que o aluno levará por toda sua vida. É preciso que os professores façam uma reflexão constante sobre suas ações didáticas e pedagógicas. Segundo Freire (2011, p. 66), ao discutir sobre o bom senso no ato de ensinar, afirma que:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Os professores precisam estar atento ao bom senso, pois os estudantes, têm uma imagem do professor, esperando que os professores apresentem ações coerentes e positivas em suas práticas no contexto escolar, de modo que os mesmos possam ser sempre aquela lembrança boa e inesquecível na vida dos alunos.

Em nossa pesquisa, procuramos saber dos alunos entrevistados se estes definem seus professores como “bons”, objetivando os mesmos como profissionais que buscam ajuda-los no processo de ensino e aprendizagem. A aluna Maria (Grupo D), destacou o aspecto do bom humor de um professor: *“Eu considero ela uma boa professora porque ela ensina a gente. Ela é engraçada. Quando é segunda feira ela pergunta para a gente como foi nosso fim de semana”*. Percebemos que essas habilidades de usar o humor na sala de aula, estimula os alunos, segundo Cunha (2003, p. 147) *“os professores aproveitam as situações engraçadas para dar um certo dinamismo à aula. Os alunos gostam e respondem a este tipo de estímulo”*. Notamos que esse critério é de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem, além de motivar os alunos, ainda ajuda a quebrar certos posicionamentos autoritários que ainda hoje encontramos nas escolas.

Dois discentes destacaram também a importância dos elogios por partes dos docentes como aspectos para avaliar sua professora como “boa”, pois consideram essa questão como estímulos a aprendizagem deles. Perguntamos ao aluno Fernando (Grupo D) se o mesmo



considera sua professora uma “boa” professora, e assim afirmou: “Sim, porque ela elogia nós [...]”. Seguindo este mesmo raciocínio, a aluna Maria (Grupo D) diz: “É boa, ela me elogia muito [...]”.

Ao analisarmos a resposta destes alunos, notamos que o elogio é uma estimulação que só tem a contribuir para o aprendizado, pois os alunos procuram ser aquilo que os professores falam, e está técnica de elogiar é essencial para que os alunos modifiquem também certos comportamentos de indisciplina.

Os alunos também mostraram que nem sempre podem classificar seus professores como “bons”. Ao perguntarmos a aluna Loyana (Grupo V), se sua professora pode ser considerada como “boa”, a mesma fala que:

*Às vezes. Quando a gente não se comporta, não senta na cadeira para fazer o dever ela fica meia irritada. Ela é uma boa professora, mas tem momento assim, que a gente irrita ela, que ela não vai ficar calma, né? Aí ela deixa a gente de castigo, faz um dever a mais, um dever surpresa. Ela é bem paciente com a gente, mas têm horas que a gente ultrapassa o limite, aí ela fica meio nervosa, leva para diretoria [...].*

Na fala desta aluna percebemos que sua professora não é definida como “boa” e nem como “ruim”, mas relaciona o comportamento da turma como fator que determina as diversas formas de agir de sua professora. Para esta aluna, a disciplina na sala é o que garantirá a existência de uma “boa” professora ou não, visto entender que a indisciplina dos alunos é capaz de trazer consequências indesejáveis como castigos e o excesso de atividades para a turma. Isto foi que percebemos em quase todas as salas que fizemos observações, os professores exigem disciplina. O bom comportamento é necessário, caso contrário, os alunos terão consequências não muito agradáveis. Tardif (2002, p. 139; 140) falando sobre autoridade docente, afirma:

No tocante ao professor, a autoridade reside no “respeito” que ele é capaz de impor aos seus alunos, sem coerção. Ela está ligada ao seu papel e a missão que a escola lhe confere, bem como à sua personalidade, ao seu carisma pessoal.

O professor que é capaz de se impor a partir daquilo que é como pessoa que os alunos respeitam, e até apreciam ou amam, já venceu a mais temível e dolorosa experiência de seu ofício, pois é aceito pelos alunos e pode, a partir de então, avançar com a colaboração deles.

Reconhecemos a importância do professor de buscar afirmar sua autoridade docente, pois ele precisa ser capaz de assegurar o respeito e os limites em sala de aula. Contudo, a autoridade não deve ser confundida com autoritarismo, ou como meio para assegurar o domínio



e controle do comportamento de seus alunos. A autoridade é uma conquista do professor e ocorre por meio da relação dialógica.

Segundo Lopes (2011, p. 7) falando sobre o processo de interação e de mediação na relação professor-aluno, nos afirma:

[...] a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões.

Assim os professores precisam cumprir com o seu papel de mediador na sala de aula, mas isto não significa que os alunos ficarão livres para fazerem somente suas próprias vontades.

Todos os alunos entrevistados do grupo A, consideram ter um “bom” professor, conforme pode ser visto nos depoimentos abaixo:

*Eu gosto do professor porque ele é muito brincalhão, conta histórias no meio da aula. Ele diverte a gente (SAMARA).*

*Eu também nunca tive um professor tão bom como ele (VALDO).*

*Sim, porque ele é muito legal, brincalhão (YASMIM).*

*Ele é um professor nota 10. Eu nunca tive um professor assim como ele, tão divertido e brincalhão (THAÍS).*

*Porque ele diverte a sala de algum jeito que a gente gosta (TALES).*

Todos os alunos desta turma mostraram-se satisfeitos com o professor Arlindo, e essa admiração foi percebida nas observações que fiz nesta turma e as demais que compuseram o universo pesquisado, pois muitos estudantes nesta escola desejam ser alunos deste professor a que estamos nos referindo. Identificamos que maioria dos entrevistados, mesmo sem nunca ter tido aula com o profissional, afirmam que ele é um “bom” educador. Partindo desses posicionamentos, perguntamos aos alunos se na escola teria algum professor, sem que fosse o professor da turma que estudavam, que consideravam “bom”. A maioria dos entrevistados apontaram o professor Arlindo como modelo ideal de um “bom” professor. O que se verifica é que o professor Arlindo é visto pelo alunado como um profissional que mantém uma relação de respeito, de amizade.

Percebemos nas investigações, que para ensinar e ser “bom” é necessário um conjunto de características destacadas por Freire (2011) no livro *Pedagogia da Autonomia*, dentro destas



qualidades do docente, vale destaca o ato de querer bem os alunos, e este querer bem está diretamente ligado com as relações interpessoais entre professor-aluno.

## CONCLUSÃO

Percebemos com este estudo, que os “bons” professores, na visão dos estudantes, são aqueles que os mesmos possuem mais afetividade e também aqueles que são os mais ativos, que realizam em suas práticas pedagógicas, metodologias que envolvam ação, como brincadeiras, esta aparece como uma das melhores metodologias capaz de despertar interesse nos alunos. Outra atitude docente que também é capaz de motivar seus alunos são os elogios, os alunos corresponder de forma positiva a esta atitude e se sentem capazes e motivados. Podemos compreender que são várias as definições que levam um educando a classificar um professor como “bom”.

Nunca iremos chegar a uma conclusão exata sobre o que é ser bom professor, mas acreditamos que por meio de reflexões como esta, podemos nos aproximar um pouco de uma definição comum, e assim encontrarmos meios para que o processo de ensino e aprendizagem em nossas escolas ocorra de maneira mais motivadora e prazerosa.

## REFERÊNCIAS

CUNHA; M. I. **O bom professor e a sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FORTUNA, T. R. **Vida e morte do brincar. Escola e sala de aula: mitos e ritos**. 2004.

Disponível em:

<<http://www.escolaoficialudica.com.br/atuacoes/artigos/Jogo%20vida%20e%20morte%20do%20brincar.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LOPES, R. de C.S. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. 2011.

Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

